



## **Serviços: PIB e Segmentação**

**\*Autor: Carlos Eduardo Oliveira Jr.  
Assessor Econômico – Confederação Nacional de Serviços**

O Setor de Serviços responsável por duas grandes matérias no mês julho publicadas pela Revista Conjuntura Econômica e pelo IPEA falando sobre sua heterogeneidade e participação no PIB por quase 70% da riqueza gerada no país, setor terciário muda o eixo da economia brasileira e atrai cada vez mais a atenção de especialistas.

Ele vem apresentando crescimento exponencial há mais de uma década. E segunda pesquisa do IPEA chegara a 82% do PIB em 2.036. Para ficar no período recente, contribuiu com 72,3% da geração de empregos no país, em 2009, alcançou a participação de 67,4% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2010, excluindo-se o setor público, e no resultado referente ao PIB do primeiro trimestre de 2011 cresceu 4,0% em relação a igual período do ano anterior, enquanto a indústria avançou 3,5%. Ainda neste ano, de janeiro a maio, recebeu 60,3% do total do investimento estrangeiro direto desembarcado no Brasil, ante 28,7%, em 2010.

Com essas credenciais, que o transformam em elemento indispensável a qualquer análise mais aprofundada sobre os rumos da economia brasileira, o setor de serviços já deveria ter sido investigado a ponto de oferecer hoje dados e informações detalhados sobre suas principais características. Na prática, porém, o que se constata é que, somente agora, especialistas e protagonistas do setor começam a examinar mais detidamente as partes dessa gigantesca engrenagem do desenvolvimento nacional, para identificar não apenas suas especificidades, mas, sobretudo, as vulnerabilidades de uma máquina com componentes tão heterogêneos.

Falar de serviços é tratar do dinamismo do segmento financeiro, bem como do forte crescimento das telecomunicações e da tecnologia da informação. É olhar tanto para setores tradicionais, como transporte e varejo, quanto para todas as atividades que abarcam os serviços pessoais, onde o grau de informalidade ainda é alto e desafia o governo a pensar em estruturas simplificadas e menos onerosas. E é também falar de um setor que registra baixa produtividade diante de sua importância, em razão de fatores que envolvem desde a limitada competitividade de grandes segmentos que passaram muito tempo dominados pelo Estado até as antigas restrições ao investimento estrangeiro, passando, ainda, pela falta de qualificação da mão de obra.

### **ALÉM DA TENDÊNCIA**

De modo geral, o crescimento do setor de serviços costuma acompanhar o desenvolvimento econômico dos países. À medida que um país vai ficando mais rico, e a população consegue obter sua fatia necessária de bens, a demanda adicional acaba se transferindo para o consumo de serviços. Ou seja, grosso modo, aquele que já conseguiu adquirir sua casa e seu carro, provavelmente investirá mais em entretenimento, educação e saúde. Além disso, o desenvolvimento tecnológico tende a trazer eficiência ao processo produtivo de bens industriais, tornando-o mais barato e, conseqüentemente, reduzindo sua participação no PIB de um país.

No Brasil, esse movimento tem sido contínuo nas últimas décadas. Até os anos 1980, quando havia uma política focada no desenvolvimento industrial, o país tinha indústria demais. Dois fatores justificam esse quadro. Primeiro, o baixo nível de poupança no país: 17% do PIB, num período em que, graças a características demográficas, com a população economicamente ativa maior, deveria estar em seu máximo, mas que não tem perspectiva de mudar significativamente no médio prazo.

A segunda característica é a condição privilegiada do Brasil como fornecedor de produtos básicos frente ao forte aumento da demanda, sobretudo asiática.



No mesmo sentido, segundo dados o BNDES sustenta que o crescimento estrutural do setor de serviços, em função da mudança na cadeia de produção, é um movimento normal, e não representa ameaça de desindustrialização precoce do país. Os setores mudam, abandonam processos e iniciam outros, ora estão em alta, ora em baixa. Faz parte da economia de mercado, onde a indústria e serviços têm suas lógicas próprias, operando de forma independente.

Em 2010, o BNDES direcionou cerca de R\$ 47 bilhões em financiamentos para serviços de infraestrutura, montante próximo ao destinado no ano anterior (R\$ 42 bilhões), mas bem superior aos R\$ 28 bilhões injetados em 2008. A expectativa é de que haja oportunidades de crescimento expressivo dos serviços ligados a esses setores.

Dúvidas à parte, o fato é que hoje a pressão da demanda sobre o setor, bem como os reflexos dessa diversificação, passa a influenciar a macroeconomia do país de forma mais acentuada, instigando analistas a ampliar seu foco de análise, e o governo a intensificar esforços para corrigir desvios de crescimento.

Esse cenário não só é real como vem preocupando quem observa de perto o caminho da inflação brasileira. Aquecido pela demanda e por uma política de valorização do salário mínimo que implica ganhos reais na renda do trabalhador, há vários meses o setor de serviços supera a inflação média em torno de 6,5% de forma consecutiva, e não há sinais de mudança no horizonte.

A pressão da demanda também reflete outro fator dentro do amplo universo dos serviços: a baixa produtividade de alguns segmentos e a relação de valor qualidade do serviço prestado frente ao preço que se paga que o consumidor brasileiro hoje experimenta. Há também uma política voltada ao fortalecimento de setores tradicionais, como o varejo; e outro segmento, que chamamos de incipiente, onde entram, por exemplo, educação, saúde, lazer, que precisam fortalecer sua gestão, bem como TI e telecomunicações, que podem oferecer serviços de classe mundial.

Como exemplo, o segmento de serviços de engenharia, que, depois de décadas de tímida demanda devido ao baixo investimento em grandes obras de infraestrutura e ao desaparecimento do setor de construção pesada, frente às obras do PAC e do pré-sal, assim como às relacionadas à Copa do Mundo e às Olimpíadas. Tanto que a Política de Desenvolvimento Competitivo, cuja vertente antes era manufatureira, agora consolidou o setor terciário em seu escopo, para ter um serviço do século 21.

As frentes são várias, mas não podem prescindir do combater: o alto nível de informalidade, que pode ser ainda mais estimulado pela forte demanda de serviços pessoais, como os domésticos, de estética, saúde e alimentação. São segmentos que oferecem poucas barreiras de entrada, envolvem baixo investimento inicial e, frente ao crescimento espantoso do consumo, podem garantir ao prestador uma renda muito mais alta que a de um assalariado.

Nesse sentido, uma das vitórias que podemos apresentar são os bons resultados obtidos com a formalização da figura jurídica do Empreendedor Individual para faturamento anual de até R\$ 36 mil, que simplifica o registro de um negócio, bem como o pagamento de tributos. Com dois anos da lei federal, completados neste mês de julho, o número de registros superou 1,2 milhão, com adesões, sobretudo, do pequeno varejo, de salões de beleza e bares e restaurantes.

Para tornar mais amplo e efetivo o movimento rumo à formalização, são defendidas ações em duas frentes:

- A primeira exige que o governo intensifique a fiscalização e adote os chamados incentivos negativos, ou seja, medidas que onerem diretamente o custo da informalidade.
- A segunda envolve uma discussão muito atual e relevante que vem se desenvolvendo no Brasil, sobre a desoneração da folha de salários, de forma a aliviá-la do excessivo custo da mão de obra.

Se uma das características que difere o setor de serviços é seu menor grau de exposição à competição externa, uma prerrogativa cabe à área de tecnologia da informação (TI). Mesmo com a concorrência



estrangeira avançando em seu próprio quintal, várias empresas nacionais conseguiram se posicionar de forma competitiva e ocupam espaços importantes, inclusive no mercado internacional.

Ranking das maiores transnacionais brasileiras elaborados pela Fundação Dom Cabral e divulgado no final de junho reflete essa tendência: das 46 empresas selecionadas, 12 eram do setor de serviços; entre estas, metade de TI.

## HETEROGENIDADE DO SETOR DE SERVIÇOS

Em outra pesquisa publicada pelo IPEA, vem de encontro com a participação cada vez mais crescente da economia junto ao PIB. Além de sua heterogeneidade estrutural, que relaciona setores com tecnologia avançada, e outros setores que ainda margeiam a informalidade. A pungência com que o setor de serviços se desenvolve em detrimento aos setores da indústria e agricultura.

Podemos identificar no quadro abaixo a evolução do setor de serviços junto à economia:

Número de empresas, valor adicionado e PO, por segmento do setor de serviços no Brasil (1998 e 2007)

Segmento	Número de empresas (1.000)				Valor adicionado <sup>1</sup> (R\$ 1.000.000)				Pessoal ocupado (1.000)			
	1998		2007		1998		2007		1998		2007	
	N	%	N	%	R\$	%	R\$	%	N	%	N	%
Serviços prestados às famílias	277	47	325	33	5.920	7	24.958	10	882	21	1.901	22
Serviços de informação	23	4	71	7	9.417	12	31.506	12	290	7	584	7
Serviços prestados às empresas	113	19	223	23	28.798	36	112.479	43	1.359	33	3.047	36
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios.	51	9	128	13	25.880	33	50.767	20	1.167	28	1.847	22
Atividades imobiliárias e de aluguel de bens móveis e imóveis	27	5	53	5	2.988	4	13.454	5	114	3	296	3
Serviços de manutenção e reparação	57	10	91	9	1.141	1	4.711	2	101	2	364	4
Outras atividades de serviços	46	8	89	9	4.860	6	21.230	8	191	5	465	5
Setor	593	100	980	100	79.004	100	259.105	100	4.105	100	8.504	100

Fonte: PAS/IBGE

No período analisado o número de empresas no setor de serviços aumento 65%%, enquanto o pessoal ocupado aumenta em 107%. No quadro pode-se observar que o segmento dos serviços voltados às empresas foi o que mais se expandiu apresentando 291% do valor adicionado. O principal causa dessa elevação é o processo de terceirização, outro segmento que podemos destacar é os serviços prestados às famílias. O crescimento do mercado interno explica a expansão deste segmento.



### Produtividade por segmento do setor de serviços no Brasil (1998 e 2007)

Segmento	Produtividade da mão de obra				Taxa de crescimento da produtividade (%)
	1998		2007		
	Valor <sup>1</sup> (R\$)	Setor = 100	Valor <sup>1</sup> (R\$)	Setor = 100	
Serviços prestados às famílias	6.711	35	13.131	43	96
Serviços de informação	32.467	169	53.918	177	66
Serviços prestados às empresas	21.190	110	36.915	121	74
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios.	22.169	115	27.487	90	24
Atividades imobiliárias e de aluguel de bens móveis e imóveis	26.256	136	45.385	149	73
Serviços de manutenção e reparação	11.297	59	12.958	43	15
Outras atividades de serviços	25.393	132	45.682	150	80
Setor	19.247	100	30.470	100	58

Fonte: PAS/IBGE

Os segmentos de serviços prestados às empresas, famílias e de transportes representam 80% de pessoal ocupado do setor, retratam a expansão econômica ocorrida no país, mas não expressam a modernidade e ganhos de produtividade econômica.

Podemos tirar outras medidas à relativa participação do segmento de informação, intensivo em conhecimento, além disso, outra característica é a concentração de participação das empresas líderes.

O segmento do serviço de informação tem maior produtividade e cresceu 66%, porém manteve-se limitado a sua participação (7%) de pessoal ocupado, vamos ver abaixo o quadro de produtividade do segmento de serviço e sua evolução no período.

A produtividade do segmento de empresas foi de 74%, a sua produtividade esta 21% acima da média do setor, respondendo por 36% da produtividade no setor de serviços.

Podemos tirar as seguintes conclusões:

- O setor de serviços e ampliação da ocupação são fatos incontestáveis;
- Expansão também ampliou o fosso existente entre um grupo de firmas extremamente produtivas e as demais;

Por isso faz-se necessário aprofundar a análise acerca da heterogeneidade do setor, seus segmentos e suas atividades. Mas um fato é que o setor de serviços vai se tornando o principal player para o desenvolvimento e progresso do país.

**\*Autor: Carlos Eduardo Oliveira Jr.  
Assessor Econômico – Confederação Nacional de Serviços**

Fonte: Revista Conjuntura Econômica – FGV  
IPEA – Radar No. 14 – Tecnologia, Produção e Comercio Exterior